



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Roazzi, Antonio; Bompastor Borges Dias, Maria da Graça; Oliveira da Silva, Janaína; Barboza dos Santos, Luciana; Monteiro Roazzi, Máira

O que é emoção? em busca da organização estrutural do conceito de emoção em crianças

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 24, núm. 1, 2011, pp. 51-55

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18819130007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# O que é Emoção? Em Busca da Organização Estrutural do Conceito de Emoção em Crianças

## *What is Emotion? Searching the Organizational Structure of Children's Concept of Emotion*

Antonio Roazzi<sup>\*,a</sup>, Maria da Graça Bompastor Borges Dias<sup>a</sup>, Janaína Oliveira da Silva<sup>b</sup>,  
Luciana Barboza dos Santos<sup>c</sup>, & Máira Monteiro Roazzi<sup>d</sup>

<sup>a</sup>Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil <sup>b</sup>Faculdade da Serra Gaúcha, Caxias do Sul, Brasil

<sup>c</sup>Secretaria de Administração de Pernambuco, Recife, Brasil & <sup>d</sup>University of Pittsburgh, Pittsburgh, USA

---

### **Resumo**

A realização do presente estudo teve como objetivo principal investigar a organização estrutural do campo semântico conceitual da emoção em crianças em uma perspectiva êmica. Participaram desta pesquisa 247 crianças de escola pública e particular, com idades entre sete e 12 anos. Foram aplicadas as técnicas de associação livre de palavras (emoção) e duas perguntas (frequência das emoções e o que sabiam sobre emoção). Essa última questão apontou que a maioria das crianças respondia relacionando emoções a sentimento, a coisas que sentem no coração. Elas também traziam exemplos de acontecimentos positivos e negativos, citavam emoções específicas, principalmente as classificadas como primária, pelos teóricos da área. Na questão relativa à frequência destas emoções em sua vida as crianças apontaram alegria, felicidade e tristeza como as emoções mais vivenciadas no seu dia a dia. Na associação livre, as emoções primárias apareceram de forma predominante, destacando-se em primeiro lugar a alegria, seguida da tristeza, felicidade, raiva, medo e amor respectivamente. Emoções mais elaboradas, consideradas secundárias, também foram encontradas como saudade, ódio, paz, ansiedade, etc. Para verificar a organização estrutural do campo semântico conceitual, as categorias produzidas através da associação livre foram analisadas também por meio da Análise da Estrutura de Similaridade (SSA). Em seguida, para verificar a relação entre a estrutura decorrente do campo semântico encontrado e as variáveis idade, sexo, e tipo de escola, os dados foram analisados através do método das “variáveis externas como pontos”. Regressões múltiplas foram também computadas. Foi encontrado que o tipo de escola e, sobretudo, a idade desempenharam um papel relevante em influenciar de forma significativa a organização estrutural do campo semântico conceitual das emoções, que apresentou uma estrutura ordenada de tipo modular.

*Palavras-chave:* Emoção; Sentimentos; Conceito; Representações sociais.

### **Abstract**

The main aim of this study was to investigate the structural organization of the semantic concept of emotion in children based on an emic perspective. A free word association (emotion) and two questions (frequency of emotions and what they knew about emotions) was applied to a sample of 247 children aged 7-12 from public and private schools in Brazil. The question concerning what they knew about emotions indicated that most children link emotions to feelings, things their heart feels. Participants also gave examples of positive and negative experiences, specifying certain emotions, mainly emotions classified as primary by researchers in this field. Regarding the question about the frequency of those emotions in their lives, they pointed out joy, happiness and sadness as being the emotions frequently experienced on their daily lives. On the free word association primary emotions predominated being joy the most frequent one, followed by sadness, happiness, anger, fear and love. We also encountered more elaborate emotions (secondary emotions) such as missing someone, hatred, peace, and anxiety, among others. In order to verify the structural organization of their semantic conceptual field, we analyzed the categories that participants emitted on the free association task by means of Structural Similarity Analysis (SSA). A method of “external variables as points” was applied with the intention of verifying the relation between the structure created from the semantic field and the variables of age, sex and type of school. Multiple regressions were also computed. It was found that the type of school and, especially, age played a relevant role in predicting the structural organization of emotions, i.e. an ordered modular structure.

*Keywords:* Emotion; Feeling; Concept; Social representations.

---

\* Endereço para correspondência: Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Humanas, Rua Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Cidade Universi-

tária, Recife, PE, Brasil, CEP 50670-901. E-mails: roazzi@gmail.com e mgbbdias@yahoo.com.br

A emoção é um fenômeno complexo, um processo que envolve todo o organismo. Tal complexidade produz dificuldades em seu estudo, a primeira diz respeito a sua própria definição e a segunda ao compartilhamento do seu significado. De fato, à primeira vista há um entendimento entre as pessoas do que seja emoção, no entanto, ao ter que defini-la percebe-se que esta não é uma tarefa fácil. Além disso, embora várias pessoas utilizem a mesma palavra numa tentativa de definição, não significa que o entendimento seja o mesmo entre elas. Como consequência destas dificuldades o conhecimento das emoções é ainda parcial e fragmentado, e muitas são as questões que se encontram ainda em aberto (e.g., Davidson, Scherer, & Goldsmith, 2003; Ekman & Davidson, 1994; Lazarus, 1991; Levenson, 2001). Uma destas refere-se à conceitualização das mesmas ao longo do desenvolvimento ontogenético. Pesquisas recentes (e.g., Barrett, 2006a, 2006b; Davidoff, 2001; Davies & Davidoff, 2000; Lindquist, Barrett, Bliss-Moreau, & Russell, 2006; Roberson & Davidoff, 2000; Russell, 1997; Russell & Widen, 2002; Zammuner, 1998, 2001) sugerem um modelo teórico de base para conceitualizar o conhecimento e as representações que as pessoas elaboram sobre as emoções a partir de categorias de objetos naturais ou eventos. Estas categorias são formadas como um resultado de experiências repetidas e se tornam organizadas como protótipos (Rosch, 1975; 1983; Rosch & Lloyd, 1978; Rosch, Varela, & Thompson, 1991). O conjunto inter-relacionado de categorias de emoções organiza-se e estrutura-se de acordo com uma dimensão abstrato-concreto, de forma hierárquica. Na base desta hierarquia encontra-se um conjunto de emoções como amor, felicidade, raiva, tristeza, medo e surpresa, extremamente útil para poder fazer distinções no dia a dia. Estas são basicamente as palavras que as pessoas costumam usar ao serem perguntadas sobre as emoções (Fehr & Russell, 1984), são as que as crianças aprendem a falar primeiro (Bretherton & Beeghly, 1982; Bretherton, Fritz, Zahn-Waxler, & Ridgeway, 1986) e o que os teóricos nesta área têm definido como emoções básicas ou primárias (idéia iniciada por Darwin, 1872/1975)<sup>1</sup>. Apesar dos inúmeros estudos sobre estas emoções básicas ou primárias a respeito de sua hierarquia, não têm sido realizados estudos investigando como esta organização estrutural se forma ao longo do desenvolvimento. De fato, os poucos estudos sobre a organização estrutural das emoções têm sido geralmente realizados com populações adultas (e.g. Albelson & Sermat, 1962; Canter & Ioannou, 2004;

Fisher, Heise, Borhnstedt, & Lucke, 1985; Plutchik, 1962; Russell, 1979; Schlossberg, 1954; Watson & Tellegen, 1985).

A realização do presente estudo teve como objetivo principal investigar a organização estrutural do campo semântico conceitual da emoção em crianças em uma perspectivaêmica, visando melhor compreender a representação da mesma (para maiores detalhes sobre organização estrutural do campo semântico-conceitual ver Roazzi, 1987; Roazzi & Dias, 2001). A sua elaboração e execução, baseou-se na teoria das representações sociais e em estudos antropológicos que usam análises multidimensionais, tomando como ponto de partida os métodos e técnicas da antropologia cognitiva (D'Andrade, 1995; Lave, 1988).

### O que é Emoção?

*“É difícil dizer... Emoção é alguma coisa que a gente sente quando tá sentindo alguma coisa, né?” (11anos – sexo masculino/ Escola Particular).*

Como sugere a resposta dessa criança, é difícil para um leigo dizer uma definição do que seja emoção, pois conforme sugerem vários teóricos da área (e.g. Lazarus, 1991; Levenson, 2001; Plutchik & Conte, 1997), trata-se de uma dimensão complexa e multifacetada. Filósofos como Espinosa (1677/1989)<sup>2</sup> tentaram encontrar uma resposta convincente e até hoje cientistas também a buscam em suas pesquisas sem chegar a um consenso geral. Alguns aspectos que podem justificar esta dificuldade conceitual são: as formas de expressão das emoções modificam-se no decorrer da vida, ou seja, determinados estados emocionais tornam-se mais sofisticados à medida que o indivíduo avança no seu processo de desenvolvimento; a existência de diferentes contextos sócio-culturais e do momento histórico, no qual o sujeito está inserido (Roazzi, Federicci, & Wilson, 2001). A significação que cada sujeito atribui a suas emoções e o modo como elas são vivenciadas também deve ser um aspecto a ser considerado (Bruner, 1997). Deste modo, a presença destes aspectos contribui para emergência de perspectivas teóricas diversas (e.g., Averill, 1980; Damásio, 1999; Ekman, 1984; Izard, 1991; Mandler, 1975; Plutchik, 1994; Plutchik & Kellerman, 1980).

Na presente investigação, buscaremos conceitos sobre a emoção, tendo em vista a importância que a produção de significados desempenha na ação humana (Bruner, 1997). Também será analisada a forma como os conceitos se organizam e se estruturam dentro de uma perspectiva de desenvolvimento, daí o nosso interesse particular de uma investigação com crianças. Com a finalidade de alcançar o objetivo proposto, pensou-se em quatro perguntas centrais que nortearam esse estudo: Qual a organização estrutural do campo semântico con-

<sup>1</sup> Ekman e Friesen (1971, 1978), ao replicarem vários estudos de Darwin (1872/1975) sobre as expressões faciais através do FACS (*Facial Action Coding System*: sistema de codificação das expressões faciais), chegaram a um padrão ou protótipo morfológico de cada emoção. Os estudos de Ekman e Friesen incluem investigações com diferentes culturas e com outros elementos da reação emocional e seus trabalhos, assim como os de Darwin dizem respeito à emoções básicas como alegria, tristeza, raiva, nojo, surpresa, medo.

<sup>2</sup> Sobretudo a 3ª, 4ª e 5ª parte da *Ethica* dedicadas ao estudo dos “afetos”.

ceitual das emoções em crianças? Qual a relação entre a estrutura decorrente do campo semântico encontrado e as variáveis idade, sexo, e tipo de escola? Quais as emoções são experienciadas com mais frequência pelas crianças? Por último, como as crianças conceituam as emoções?

O conhecimento da emoção desenvolvido pelas crianças pode ser compreendido dentro do campo das representações sociais. Primeiramente, isto se deve ao fato desse conhecimento ser elaborado e partilhado socialmente com um objetivo prático pertencente a uma realidade comum (Jodelet, 1994). Em segundo lugar, envolve aspectos cognitivo, avaliativo, afetivo e simbólico (Wagner, 1998) e é produto e processo de uma atividade mental onde se reconstrói o real e se atribui uma significação particular (Abric, 1994). A importância das emoções nas representações sociais é ampliada por Moscovici (2000) quando ele afirma que todas as nossas experiências afetivas expressas em condutas, respostas corporais e verbais são consequência não de uma excitação exterior, mas sim da representação que construímos dela. Além disso, as emoções são indispensáveis para mobilizar as pessoas, para criar vínculos e representar o futuro:

*... las representaciones sociales se han preocupado siempre de los aspectos de la sensibilidad social, sentimientos sociales, entre otros. ... las representaciones sociales son indispensables para movilizar a la gente, para permitirse representarse el futuro y, también, para crear vínculos, puesto que hay algo puesto en común en el pensamiento, en los sentimientos, en el intercambio conversacional* (Moscovici, 2000, p. 302-303).

Para embasar essa pesquisa, além das representações sociais, recorreremos também a duas outras importantes perspectivas teóricas: a classificação das emoções proposta por Damásio (2004) e Harris (1996) e a mediação semiótica dos processos afetivos desenvolvida por Valsiner (2001). Damásio (2004) classifica as emoções em três categorias: emoções de fundo, primárias e sociais. As *emoções de fundo* são aquelas em que o sujeito tem a capacidade de decodificá-las rapidamente em diferentes contextos, sendo elas agradáveis ou desagradáveis. As *emoções primárias* ou universais são facilmente identificáveis entre seres de uma mesma espécie, como, por exemplo, raiva, tristeza, medo, zanga, nojo, surpresa, felicidade. E finalmente, as *emoções sociais ou secundárias* que, de acordo com Damásio, são influenciadas pela sociedade e cultura, como a vergonha, o ciúme, a culpa, compaixão, embaraço, simpatia, orgulho (ver também apresentando evidências nesta perspectiva: Eid & Diener, 2001; Harris, 1996; Markus & Kitayama, 1991; Vikan & Dias, 1996; Vikan, Roazzi, & Dias, 2009).

Harris (1996) diferencia as emoções entre *simples* e *complexas* pelo fato de existir uma expressão facial reconhecível ou não. As emoções de raiva, medo, tristeza e alegria teriam expressões faciais mais facilmente reconhecíveis, sendo consideradas emoções simples. Crian-

ças a partir de quatro ou cinco anos seriam capazes de indicar situações apropriadas para essas emoções. Já as emoções complexas não teriam uma figura facial ou expressões comportamentais tão óbvias como vergonha, orgulho e culpa. E apenas aos sete anos as crianças começariam a identificar estas emoções. Nessa idade a criança percebe que as pessoas em sua volta são afetadas emocionalmente por eventos externos e não somente pelas consequências de suas ações. Deste modo, o seu campo de visão é ampliado e a aprovação ou desaprovação social passam a ser mais consideradas.

Ainda segundo Harris (1996), tanto emoções simples como emoções complexas podem ser positivas, negativas ou mistas. As emoções positivas seriam oriundas de situações agradáveis; as negativas oriundas de situações desagradáveis. Com o passar do tempo, a criança aprende que determinadas situações de sua vida podem provocar o surgimento de emoções positivas e negativas ao mesmo tempo. Esta diversidade de emoções que abrange sentimentos de ambivalência relacionados a uma única situação é chamada de emoções mistas. Por exemplo: Quando uma criança ganha de presente uma bicicleta que tanto desejava, fica feliz (emoção positiva), mas ao mesmo tempo, o fato dela ainda não saber andar de bicicleta a faz sentir medo (emoção negativa) de cair.

Valsiner (2001) em sua perspectiva teórica da mediação semiótica dos processos afetivos propõe um desenvolvimento ontogenético em três níveis: (a) nível *pré-lingüístico* (subdividido em nível 0, referente ao estado inato de excitação, e em nível 1, referente as emoções corporais, a tonalidade emocional imediata); (b) nível *lingüístico* (subdividido no nível 3, quando categorias específicas de emoções são nomeadas, e nível 4, quando há ações discursivas complexas); e (c) nível *paralingüístico* (quando há estados afetivos complexos não expressáveis por palavras).

Na literatura acerca das emoções em crianças, foram encontradas pesquisas investigando a habilidade das crianças reconhecerem expressões faciais das emoções (e.g., Caron, Caron, & Myers, 1982; Rieffe, Terwogt, & Stockmann, 2000); a habilidade das crianças em responderem apropriadamente descrições verbais de situações que recrutam emoções (Camras & Allison, 1985); e a consciência das crianças sobre as causas e consequências das emoções (Manstead, 1993). Mas como as crianças conceituam as emoções ao longo do processo de desenvolvimento? Como esta conceitualização das emoções se estrutura ao longo do desenvolvimento? Isso nos levou a busca da organização estrutural do campo semântico conceitual da emoção em crianças.

Na literatura sobre emoções em crianças não tem sido encontrados registros de estudos comparativos entre crianças de escolas pública e particular, apesar da existência de inúmeros estudos apontando significativas diferenças em tarefas que avaliam processos cognitivos (Roazzi, 1987) e no desempenho escolar (Demo, 2007). Só, recentemente Roazzi, Dias, Minervino, Roazzi e Pons

(2009), em uma investigação visando avaliar em crianças de 4 aos 12 anos de escola pública e particular a compreensão das emoções encontraram diferenças bastantes significativas, o que nos levaram em considerar nesta investigação também esta variável.

## Método

### Participantes

Participaram do estudo 247 crianças (129 meninos e 118 meninas), alunos de escola pública (escolas estaduais) e particular (117 e 130 respectivamente) com idades entre sete e 12 anos. Maiores detalhes da amostra encontram-se na Tabela 1. Todos os alunos frequentavam escolas localizadas na região metropolitana de Recife. Enquanto os alunos de escola pública estudavam em três escolas estaduais, os alunos de escola particular estudavam em escolas privadas que atende um segmento da sociedade de classe média alta.

Tabela 1

*Média da Idade em Meses de Acordo com Escola e Idade*

Idade	Escola Pública		Escola Particular	
	Média	DP	Média	DP
7	88,60	6,76	88,93	4,21
8	102,64	3,54	101,10	2,40
9	115,11	3,44	114,68	3,91
10	125,13	3,50	127,23	3,71
11	139,32	3,61	135,45	3,12
12	153,22	4,22	152,70	3,01

### Procedimento

Foram aplicadas as técnicas de associação livre e duas perguntas. Em primeiro lugar, através da técnica de associação livre, como meio de acesso ao campo semântico das representações, pedia-se que os sujeitos falassem livremente o que pensavam com a evocação da expressão “emoção”: “Diga para mim algumas emoções que vem na sua cabeça?”. Em seguida, foi também perguntada a frequência destas emoções em sua vida: “Quais destas emoções você experiencia com mais frequência”? Por último, através de uma entrevista, foi examinado o conhecimento que os participantes tinham das emoções através de uma pergunta direta. “Você sabe o que é uma emoção? Explique, por favor”.

### Análise dos Dados

Aplicou-se sobre as categorias produzidas uma Análise da Estrutura de Similaridade (SSA, que é uma sigla das iniciais das palavras em inglês que significa *Structural Similarity Analysis*) juntamente com o método das “variáveis externas como pontos” (Roazzi & Dias, 2001), para se estabelecer as correlações entre a estrutura decorrente do campo semântico encontrado e idade, sexo e tipo

de escola. Todas as emoções produzidas através da associação livre com Coeficiente de Uniformidade da Distribuição igual ou superior a 5 foram plotadas numa região espacial através de uma análise SSA com as variáveis externas sexo, idade e tipo de escola (variáveis tipo “dummy”) (para maiores detalhes ver Roazzi & Dias, 2001). Este modo de avaliação possibilitou que as respostas fossem localizadas espacialmente, de modo que quanto mais próximas entre si, mais similaridades entre as emoções produzidas. No entanto, esse tipo de análise tornou-se inviável para a terceira questão, devido ao grande número de respostas diversificadas que demandaram um quantitativo de categorias além do indicado para análise correspondente.

Além das análises multidimensionais, para verificar os efeitos preditores das variáveis idade, sexo e tipo de escola nas emoções produzidas através da associação livre, das emoções experimentadas com maior frequência e das categorizações na tarefa de definição de emoção foram computadas uma série de análises de regressões lineares tipo passo-a-passo (*stepwise*).

## Resultados e Discussão

### 1ª Questão – Associação Livre Sobre as Emoções

A partir da associação livre de palavras à pergunta “Diga para mim algumas emoções que vem na sua cabeça?”, obteve-se 32 tipos de expressões semânticas (em média cada criança produzia três palavras), as quais, ao serem agrupadas de acordo com a similaridade de significados, originaram as categorias apresentadas na Tabela 2. As emoções por ordem de maior ocorrência foram: alegria (128 vezes); tristeza (115 vezes); felicidade (73); raiva (51); medo (43); amor (38); saudade (25); susto (12); ódio (10), chateado e lágrimas (7), carinho e paz (6) e angústia (5). Todos estes itens apresentavam um Coeficiente de Uniformidade da Distribuição igual ou acima de 5 (considerados adequado para análises Multidimensionais não-paramétricas; para mais detalhes sobre este índice ver Amar & Toledano, 2002). Outros itens produzidos com baixa frequência e Coeficiente de Uniformidade da Distribuição abaixo de 5 foram: paixão, solidão, ansiedade, amizade, dor, sentimento, vergonha, contente, arrependimento, compaixão, bondade, saúde, sonhar, grito, desespero, desejo, inveja, sofrimento e falta<sup>3</sup>. Este fato causa grande surpresa visto que o nojo é tido como uma emoção primária (Damásio, 2004) o que nos leva a questionar se realmente ela seria rapidamente identificada nas mais diversas culturas e se, portanto, talvez não devesse se enquadrar nessa categoria.

<sup>3</sup> O fato de não verificarmos as emoções de nojo encontra respaldo do estudo de Souza (2008 – *Crianças Selvagens: A Expressão das Emoções Após Situação de Extrema Privação de Convívio Social*). Neste estudo com duas crianças que foram criadas em cativeiro junto com porcos num período de sete anos, não foi evidenciada qualquer expressão ou reconhecimento de nojo, mesmo depois de 14 anos de ressocialização.

Na Tabela 2 estão dispostas as freqüências, percentagens e coeficiente de distribuição de cada emoção.

Tabela 2

*Freqüência, Coeficiente de Uniformidade da Distribuição e % das Associações mais Freqüentes Produzidas a partir da Tarefa de Associação Livre “Diga para Mim Algumas Emoções que Vem na Sua Cabeça?”*

Associação	Freqüência	% das emoções mais freqüentes (N=526)	Coeficiente de Uniformidade da Distribuição
Alegria	128	24,33	99
Tristeza	115	21,86	92
Felicidade	73	13,88	62
Raiva	51	9,69	44
Medo	43	8,17	37
Amor	38	7,22	33
Saudade	25	4,75	21
Susto	12	2,28	10
Ódio	10	1,90	9
Chateado	7	1,33	7
Lágrimas	7	1,33	7
Carinho	6	1,14	6
Paz	6	1,14	6
Angústia	5	0,95	5

Um problema que se apresenta quando se tenta classificar as emoções diz respeito às similitudes de vocabulário próprios da língua portuguesa, como é o caso de alegria e felicidade, raiva e ódio, susto e surpresa, as quais optamos por não agrupar para lançarmos mão de possíveis reflexões. Como por exemplo, será que emoções semelhantes possuem a mesma representação?

Do ponto de vista estrutural a partir da análise SSA, o campo semântico nessa tarefa de associação livre configurou-se numa estrutura modular, ou seja, havendo uma concentração de emoções primárias na região central e de emoções secundárias na região periférica (ver Figura 1). Este tipo de configuração, além do fato de indicar que existe uma ordem na estrutura das emoções, indica que as emoções primárias – que apresentam uma maior freqüência – estão mais relacionadas entre si, apresentam um caráter mais geral do que as secundárias e são mais facilmente compartilhadas pelas crianças, provavelmente pelo fato de serem mais facilmente lembradas diante da palavra-estímulo “emoção”. As emoções secundárias pelo fato de estarem localizadas na periferia da estrutura modular estariam relacionadas a aspectos mais específicos em função da baixa correlação entre os mesmos. Estas características dos dois grupos de emoções encontram respaldo na literatura (Damásio, 2004; Harris, 1996; Vikan & Dias, 1996).

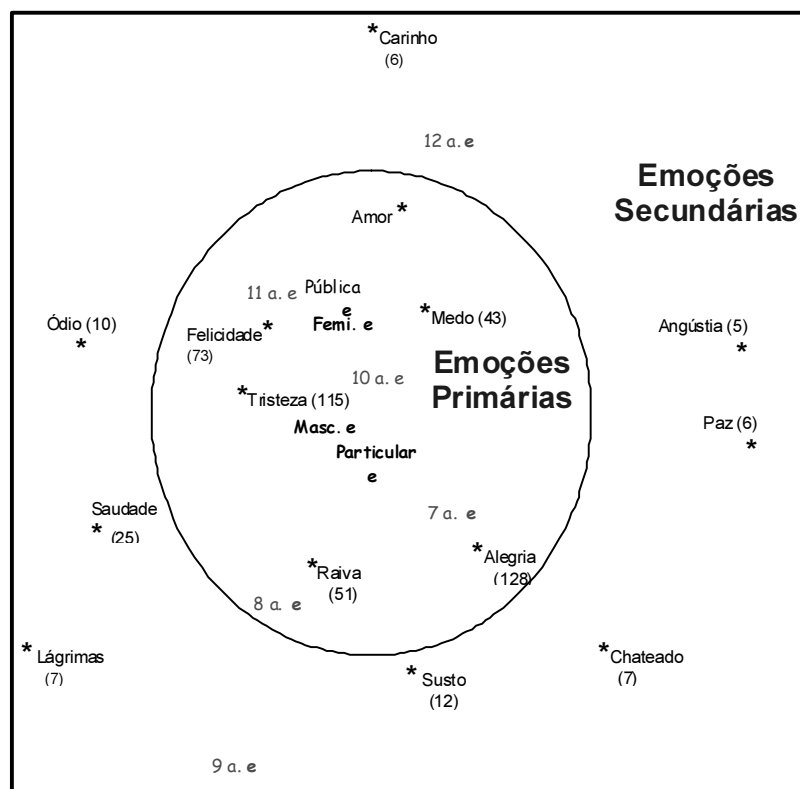


Figura 1. Análise SSA das emoções produzidas na Associação Livre considerando como variáveis externas (e) o tipo de escola, o sexo e a faixa etária.

Nota. Projeção tridimensional, Coordenada 1 x 2, Coeficiente de Alienação 0,12. Freqüência (em parêntese).